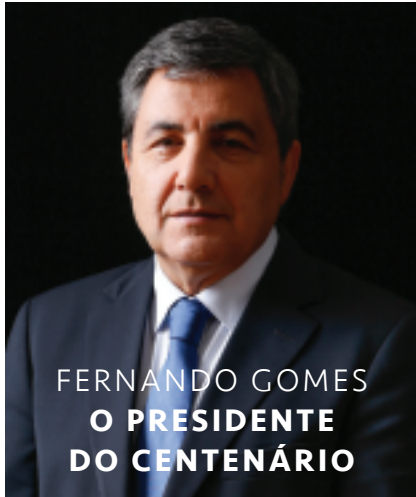


PRÉMIO

REVISTA DE NEGÓCIOS, ECONOMIA, MARKETING E LIFESTYLE



TURISMO
O PETRÓLEO PORTUGUÊS



FERNANDO GOMES
O PRESIDENTE
DO CENTENÁRIO



ARTE
BORDALLO
REINVENTADO



FRANCISCO DE LACERDA
O SELO DE SUCESSO
DE UMA PRIVATIZAÇÃO

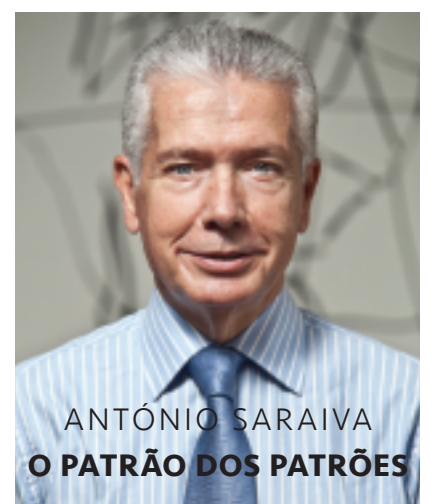


PRODUTOS PORTUGUESES
A MODA
DAS CONSERVAS



BEST
HOTÉIS
FAROL

EXPERIÊNCIAS
EXCLUSIVAS
PELAS COSTAS
DO MUNDO



ANTÓNIO SARAIVA
O PATRÃO DOS PATRÕES

PRÉMIO



DIRECTOR
Álvaro de Mendonça

EDITORA
Sofia Arnaud

DIRECTOR DE
ARTE
Pedro Góis

DESIGNER
Joana Cruz Martins

REDACÇÃO
Catarina da Ponte,
João Bénard Garcia e Miguel
Morgado

COLABORAM
NESTA EDIÇÃO
António Cunha Vaz, António
Meireles Moita, Filipe S.
Fernandes, Joaquim Luíz
Gomes, José Manuel
Dentinho, José Bertão, Pedro
Rolo Duarte e Ricardo Salvo

PUBLICIDADE
Tel.: +351 21 012 06 00

IMPRESSÃO
SOARTES - Artes Gráficas

PROPRIEDADE
Cunha Vaz &
Associados - Consultores em
Comunicação, SA

SEDE
Av. Duque de Loulé,
n.º 123, 7.º
1050-089 Lisboa

CRC LISBOA
13538-01

REGISTO ERC
124 353

DEPÓSITO LEGAL
320943/10

TIRAGEM
5000 Exemplares

REVISTA CORPORATIVA DA CV&A



SUMÁRIO

- | | | |
|--|--|--|
| 4 - EDITORIAL | 54 - OPINIÃO | O filantropo, empresário e conselheiro mundial, Diego Hidalgo Schnur |
| 6 - A ABRIR | Joaquim Luíz Gomes:
Financiamento das empresas | 90 - LIFESTYLE |
| 8 - GENTE EM DESTAQUE | 56 - ANÁLISE | Staedtler, os mestres da escrita |
| 14 - ENTREVISTA | José Bertão: A crise orçamental e o dólar | 94 - ARTE |
| António Saraiva, Presidente CIP | 58 - NEGÓCIOS DO VINHO | Bordallo com sotaque brasileiro |
| 20 - DOSSIÊ | Novas tendências dos consumidores | 96 - LIFESTYLE |
| Centenário da Federação Portuguesa de Futebol | 64 - ENTREVISTA | Campos de golfe com assinatura portuguesa |
| 28 - TELEVISÃO | Nuno Espírito Santo Silva, CEO FinSolutia | 102 - LAZER |
| SPORT TV | 70 - NEGÓCIOS | Faróis convertidos em hotéis |
| 30 - NEGÓCIOS | As apostas da Vista Alegre | 110 - TENDÊNCIAS |
| O sucesso da privatização CTT | 76 - PERFIL | Fast Food com assinatura |
| 34 - TURISMO | Germán Efromovich, CEO Grupo Synergy | 118 - TENDÊNCIAS |
| O petróleo português | 78 - OPINIÃO | As conservas estão na moda |
| 40 - CONFERÊNCIA | António Meireles Moita: A grande lição das autárquicas | 120 - LAZER |
| NERLEI: Reconstruir Portugal | 80 - PERFIL | SUVs de luxo |
| 42 - ENTREVISTA | Assunção Sá da Bandeira, pioneira da comunicação em Portugal | 126 - LIVROS |
| Carlos Melo Ribeiro, Presidente Siemens Portugal | 84 - NEGÓCIOS | Sugestões Prémio |
| 46 - NEGÓCIOS | | 128 - SHOPPING |
| INAPA: Compromisso com o futuro | | Tendências para 2014 |
| 50 - NEGÓCIOS | | 130 - OPINIÃO |
| João Figueiredo, CEO Banco Único | | Pedro Rolo Duarte: A moda do retro-chic |



FOTOS FERNANDO PIÇARRA

EM 1996 LANÇOU O LIVRO "EL FUTURO DE ESPAÑA" COM PREVISÕES POLÍTICAS E ECONÓMICAS A 25 ANOS. ACERTOU EM TUDO...E PREVIU QUE A RECESSÃO EUROPEIA "DURARIA DE 2008 A 2013"

► cou “O Futuro de Espanha”.

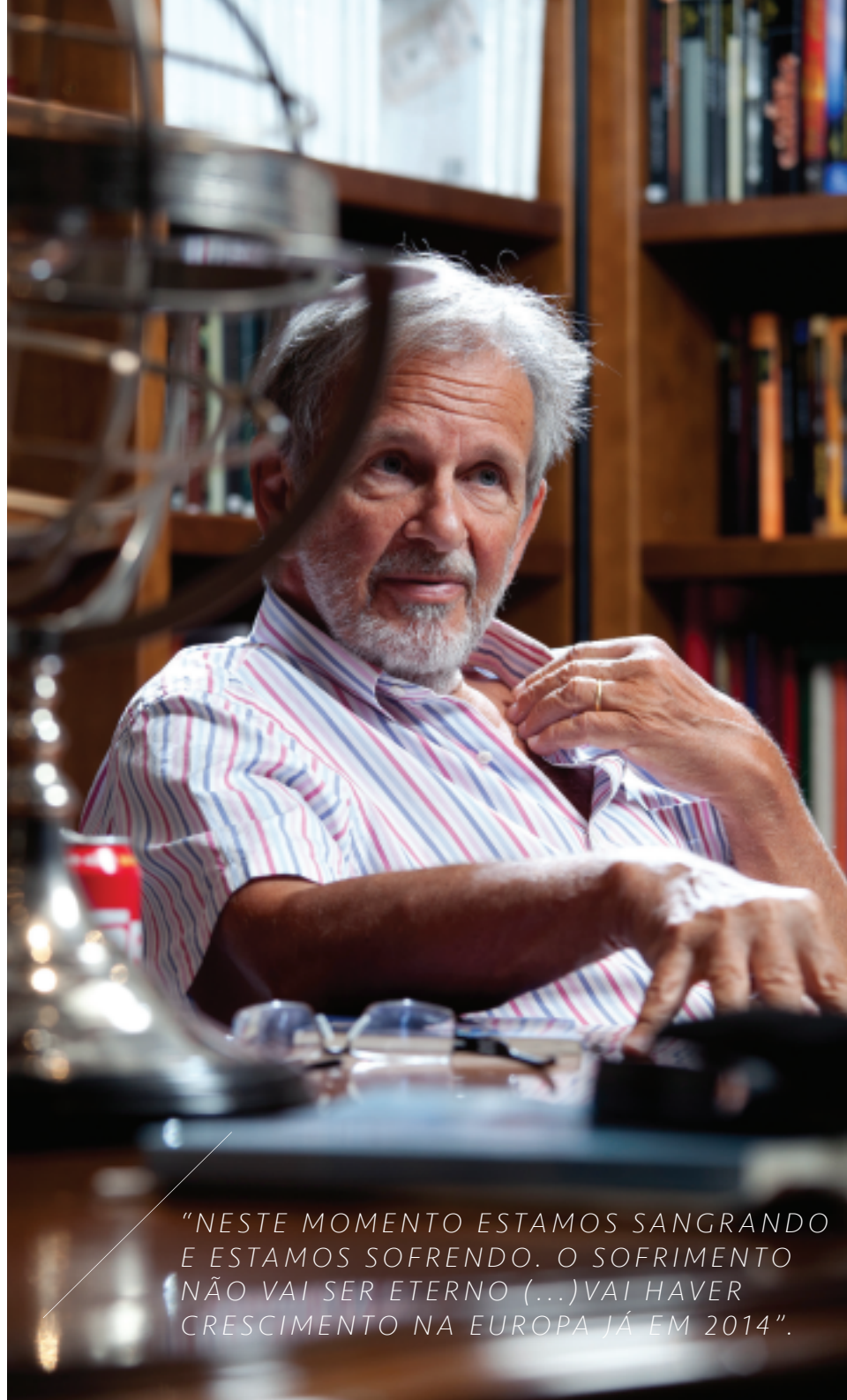
O livro-ensaio, que após cinco edições se tornou um *best-seller*, identifica os já então graves problemas políticos e económicos de Espanha: a dívida excessiva, o défice do Estado, os problemas do mercado de trabalho e a falta de sustentabilidade do regime de pensões. Mas também apresenta soluções, sugere reformas políticas urgentes e põe a nu as fragilidades de uma nação que se “arriscava a não cumprir os requisitos mínimos para aderir ao Euro” e assim perder o comboio da união monetária europeia.

O livro profético

Não satisfeito por diagnosticar os males do seu país, Diego Hidalgo decidiu, com base em “estatísticas e análises profundas da realidade em 1996”, fazer aquilo a que muitos poderiam chamar um profético exercício de fértil imaginação. “Uma previsão do que se iria passar nos próximos 25 anos em Espanha e no mundo, num quadro de capitalismo e de competitividade entre nações. Tracei vários cenários e um deles, o que se confirmou, foi o de que os vários governos de Madrid não fariam reformas e que os gastos sociais continuariam a engolir a riqueza nacional”.

À luz da realidade actual, as linhas que escreveu então soam proféticas: “Em 2008, um grupo de peritos determinou que Espanha terá, em 2010, problemas com a sua dívida externa, a não ser que adopte medidas drásticas a todos os níveis. As pensões serão reduzidas, os salários dos funcionários públicos também e o sector privado sofrerá reduções drásticas de salários e controlo de preços. Uma crise sem precedentes destruirá os negócios, originando mais desemprego e uma onda massiva de emigração rumo à Europa em busca de oportunidades de trabalho. Só o turismo continuará a crescer. A recessão europeia durará de 2008 a 2013...”.

Em 1996, Diego já “sabia que o euro, apesar de ser um bom projecto, não resolveria nenhum dos problemas da Europa... quanto muito melhoraria a competitividade. Pelo contrário, criámos mais estruturas europeias, acrescentámos mais problemas e continua por resolver o Pacto de Estabilidade. Alemães, franceses e italianos não o conseguiram fazer. Os alemães violaram-no consecutivamente, entre 1999 e 2007. Os



“NESTE MOMENTO ESTAMOS SANGRANDO E ESTAMOS SOFRENDO. O SOFRIMENTO NÃO VAI SER ETERNO (...)VAI HAVER CRESCIMENTO NA EUROPA JÁ EM 2014”.

franceses durante cinco anos e os italianos por sete vezes. Apesar do euro ser bom, não resolve os problemas que temos de divisão, estrutura, demografia, de governos e políticos na Europa. O maior problema é que nada é pensado a longo prazo”, remata.

Não obstante os problemas enunciados, o filantropo, consultor do Clube de Roma e fundador do Clube de Madrid, mantém-se

optimista quanto ao futuro do euro e da União Europeia. “A UE e o euro são viáveis, mas desde que se mudem as políticas e se façam reformas. O único caminho a seguir é o de uma união fiscal e política, a par da união monetária”, defende, disparando farpas a quem, aparentemente, está a travar o progresso europeu: “A mim surpreende-me que Portugal, Espanha, França e Itália, que

“A maior loucura é acreditar no mundo como ele é e não como deveria ser”. A frase é de Dom Quixote de la Mancha, o herói saído da pena de Miguel Cervantes, mas poderia ser aplicada aos princípios de vida do milionário Diego Hidalgo. Perdeu quase toda a fortuna a ajudar povos em África. Recuperou-a com um bom negócio. Agora, ensina nações a viver em democracia e promove diálogos para a paz.

Não tem um cavalo chamado Rocinante. Não carrega um escudo e uma lança. Não tem um fiel escudeiro chamado Sancho Pança. Não combate contra moinhos de vento nas planícies de La Mancha, mas já lançou sete fundações e tem o seu nome associado a mais de 37 organizações nacionais e internacionais. É o maior filantropo de Espanha e há quem nas instâncias internacionais lhe atribua o epíteto de “fundador de fundações”. A nível mundial é um ilustre desconhecido. Em 1968, então com 26 anos, Diego Hidalgo termina os estudos superiores em Harvard, nos Estados Unidos, e recebe várias propostas para trabalhar. Escolhe ser quadro internacional do Banco Mundial e fica encarregue de fazer estudos económicos em países como a Índia, Irão, Marrocos, Tunísia e Irlanda, facto que cedo lhe abriu os olhos para situações de pobreza extrema.

Um ano depois, após a morte da mãe, Gerda Schnur, herda uma fortuna de milhões e decide aplicá-la. “Eu estava no Banco Mundial e colocou-se

a salvar uma pequena editora, a Alianza Editorial, facto que lhe abriu as portas para o Grupo Prisa/Mediaset, o gigante hispânico de comunicação social, que detém o diário El País, o desportivo As, o jornal económico Cinco Días, o Canal+ e a portuguesa TVI. Em 2000, o grupo entrou na Bolsa, Diego vendeu as suas acções e voltou a recuperar a sua fortuna pessoal. Tinha aprendido a lição, mas não abandonara o sonho da filantropia. Em 2001 lança um desafio a dezenas de ex-chefes de Estado e de Governo para, juntos, pensarem “a melhor forma de consolidar democracias”. E consegue reuni-los. Curiosamente, exactamente um mês e meio depois do atentado às Torres Gémeas em Nova Iorque. “Fizemos em Madrid uma conferência sobre transição e consolidação que resultou numa bíblia sobre como se consolida uma democracia. Trouxemos 108 peritos de todo o mundo. Formámos vários grupos sobre desenho constitucional, poder legislativo, poder judicial, formas de contornar a burocracia institucional e medidas anti-corrupção, relação com militares e poder civil, partidos políticos e sociedade civil, temas económicos e sociais. Cada grupo foi coordenado por um especialista, integrava peritos mundiais e era coordenado por um ex-Chefe de Estado ou de Governo. Queríamos recomendações práticas e essa função coube aos ex-governantes”. Tendo como pano de fundo a ideia: “O que tenho a ganhar se implementar isto?”. Diego conseguiu juntar com a ajuda dos amigos Mikhail Gorbatchev (e da Fundação Gorbatchev para a América do Norte), Bill Clinton, Fernando Henrique Cardoso, Juan Carlos e ainda de José Maria Aznar, cerca de 34 ex-Chefes de Estado que, num acto de coragem, compareceram no encontro, dias depois do acto terrorista em Nova Iorque: “Toda a gente me dizia para anular a conferência e eu bati com a mão na mesa e disse: Não podemos deixar que os terroristas ditem o tipo de sociedade que queremos para os nossos filhos e netos. Se todo o mundo fosse democrático não haveria terrorismo. Além disso, o combate ao terrorismo vai ser um factor de degradação da democracia. Os líderes autoritários vão aproveitar o pretexto e limitar a circulação de pessoas e bens dizendo que estão a lutar contra o terrorismo. Este tema é agora mais importante do que nunca”, afirmou então. Das várias ideias lançadas nesta magna reunião de 2001 nasceu não só o Clube de Madrid, que actualmente reúne 106 Chefes de Estado e de Governo, a maioria já fora de funções, com nomes nossos conhecidos como Mário Soares, António Guterres ou Aníbal Cavaco Silva, mas também a FRIDE (Fundação para as Relações Internacionais e o Diálogo Exterior), um dos maiores espaços de reflexão democrática da Europa e que tem como ambição reforçar a democracia no mundo. ●

O ÚLTIMO DOM QUIXOTE

a questão sobre o que fazer com esse dinheiro”, revela, explicando como, “depois de muita reflexão”, decidiu “fazer algo socialmente responsável”. Estávamos nos anos 70, havia a Guerra Fria e a única coisa que se podia fazer era lutar contra a pobreza e criar alguma riqueza em algum lugar. Isso para mim era claro: queria fazer algo para travar a pobreza e apostei em projectos no Magrebe e na África Subsariana. Criei a FRIDA (Foundation for Research and Investment for the Development of Africa), criei um banco e abri duas lojas, em Londres e Paris. O objectivo principal era apoiar cerca de 50 projectos com artesanos locais nos 15 países mais pobres de África e depois vender os seus produtos artesanais a preços justos na Europa”, descreve.

Cedo o sonho se desmoronou e o dinheiro investido desapareceu.

Felizmente, Diego Hidalgo tinha aplicado uma parte da sua fortuna pessoal

têm a maioria dos votos no Banco Central Europeu (BCE), nada façam para impor a sua vontade, propondo políticas mais viradas para o investimento e para o crescimento das economias, rejeitando represálias e contrariando esta política obsessiva alemã assente exclusivamente na austeridade”. Solução imediata? “Avançar com uma integração europeia mais profunda, contando

com a solidariedade alemã, povo que está unicamente convencido de que os países do sul da Europa têm vivido acima das suas capacidades e que se espalharam ao comprido”, dispara.

Europa dividida e enfraquecida

Diego Hidalgo acredita existir “um problema de visão comum” que terá de ser resolvido

“desgraçadamente dentro de um sistema de capitalismo darwinista e selvagem onde quem governa são os mercados, que não se auto-regulam, não se auto-equilibram, nem se auto-legitimam. Esta crise deveria ter servido para, em todo o mundo, regular um pouco mais os mercados”, sustenta.

Tudo isto ocorre ainda num contexto em que as lideranças europeias e mun-

OS ESPANHÓIS
E PORTUGAL

“TENHO MUITO optimismo em relação a Espanha e a Portugal, porque estamos no bom caminho. Embora não tenha estudado a fundo o caso português, acredito que tem muitas vantagens sobre Espanha: tem maior mobilidade de pessoas, há uma diáspora maior que pode contribuir como vantagem competitiva. Os espanhóis resistem muito a sair e estão sempre à espera que o Estado faça algo por

eles e por isso somos poucos espalhados pelo mundo”, adianta Diego Hidalgo à PRÉMIO.

O filantropo, que é amigo de George Soros e que com ele fundou o ECFR (European Council on Foreign Relations), garante ficar impressionado com o facto de os portugueses saberem quase tudo sobre a economia e o mercado espanhol e de os espanhóis quase ignorarem o que se

passa em Portugal. Como se explica isso? “Sempre olhámos para Norte. Para a França e para o resto da Europa. De forma injusta, tínhamos todas as nossas fobias em relação aos portugueses. Isso acontece porque os outros países têm muitos vizinhos a rodeá-los e nós temos apenas dois”, remata. ●

▶ diais também não dão sinais de vitalidade. “Estou absolutamente convencido de que a dispersão de poderes é um dos actuais problemas graves da Europa e da liderança de José Manuel Durão Barroso. O seu grande problema é que o poder na Europa se dividiu em três. É mais complicado gerir a Comissão Europeia agora do que era nos tempos de Jacques Delors. Criou-se a figura do Herman Van Rompuy, como presidente do Conselho Europeu, e o papel de Barroso diluiu-se. O próprio Parlamento Europeu ganhou poderes e isso esvaziou a capacidade de intervenção da Comissão. A culpa da crise europeia não é do Durão Barroso. É de um conjunto de equívocos entre instituições e governos”, afiança.

E se do ponto de vista político não parece haver soluções para o impasse europeu, Diego Hidalgo acredita contudo na vitalidade da economia e dos empresários. “Temos forças em Espanha e na Europa. Neste momento estamos sangrando e estamos sofrendo. O sofrimento não vai ser eterno e sou mais optimista do que o FMI. Os que dizem que não vai haver crescimento até 2016 estão enganados. Vai haver crescimento na Europa já em 2014. Creio que os que têm

o grande poder de decisão neste mundo são os empresários e acredito que vai haver uma inversão económica tranquila em Espanha e em Portugal. Para já nos sectores turístico, agro-alimentar e na metalomecânica, que vão ressurgir e depois no das novas tecnologias, que são essenciais numa estratégia de serviços de qualidade. Mão-de-obra barata não é a solução. A aposta é em mais conhecimento e mais investigação”, defende, adiantando saber que “muitos investidores, nomeadamente alemães, se preparam para instalar empresas com tecnologias avançadas em Espanha e Portugal, beneficiando das reformas laborais e dos esforços de combate à burocracia”.

Diego Hidalgo avança mesmo que teve uma conversa com o actual embaixador alemão em Madrid, que lhe garantiu que “os empresários alemães, a médio prazo, têm planos sérios de se localizarem em Espanha e em Portugal. Há uma série de vantagens: preferem o clima da Península Ibérica, gostam da qualidade de vida e das gentes e, em Espanha, há três escolas de gestão entre as melhores do mundo. Há gente formada no sector da saúde, informáticos, engenheiros e economistas que estão bastante valorizados e alguns deles a trabalhar na Alemanha”.



QUANDO JOVEM
PROMETEU AO
PAI QUE NUNCA
SE ENVOLVERIA
EM POLÍTICA,
MAS NUNCA LHE
JUROU QUE NÃO
INFLUENCIARIA
POLÍTICOS OU
QUE JAMAIS IRIA
REFLECTIR SOBRE
POLÍTICA E SUAS
CONSEQUÊNCIAS
SOCIAIS.



QUEM É DIEGO HIDALGO?

O fundador de fundações

DIEGO HIDALGO tem uma frase que repete com frequência, sempre que ele próprio ou algum colaborador se sente mais desmotivado: “Pensa em coisas grandes e tê-las-ás”. Assim tem gerido a sua vida e também os seus projectos filantrópicos. Criou inúmeras organizações com impacto na vida de países e das pessoas que lá vivem. Embora não ligue muito a numerologia, teve sete filhos, criou de raiz sete fundações e possui centenas de bons amigos espalhados pelo mundo. A sua entranhável generosidade faz com que qualquer pessoa se sinta a seu lado como sendo a mais importante do mundo. Dono de um sentido de humor afinado, possui um rol de anedotas que muitas vezes correspondem a histórias verídicas que vivenciou durante as suas viagens pelo mundo, muitas delas ao serviço do Banco Mundial, entidade na qual foi, aos 31 anos, o mais jovem director de sempre e o primeiro espanhol a ocupar tão distinto cargo. Quando jovem prometeu ao pai que nunca se envolveria em política, mas nunca lhe jurou que não influenciaria políticos ou que jamais iria reflectir sobre política e suas consequências sociais. Podia ter vivido uma vida tranquila com a fortuna que herdou da mãe, mas o bichinho da filantropia, daquela verdadeiramente generosa e não caritativa, falou mais alto e fê-lo empreender

socialmente. Perdeu quase tudo em projectos em África. Mas, como a sorte bafeja os audazes, recuperou a riqueza apostando no negócio certo no seu país.

Hoje afirma já não ter a fortuna que teve e está a envolver os filhos no seu trabalho filantrópico, uma forma de passar o legado. Esta é, aliás, uma das facetas mais marcantes da personalidade de Diego, a de ser um repartidor de jogo sem se importar que sejam outros a marcar os golos.

É um homem de paixões vivas. Uma delas é a guitarra clássica, que dedilha com prazer, mesmo quando posa para a objectiva do fotógrafo. Um gosto que lhe foi inculcido pelo pai, Diego Hidalgo Durán, que lhe pagou aulas de música com o mestre Luís Maravilhas. Mais tarde, quando estava no Campus da Universidade de Harvard, em Boston, ficaram célebres os serões em que tocava flamenco com destreza, divertindo e encantando colegas e amigos.

Amante de sushi, adora desportos de neve, pela-se por ver no estádio os jogos do Atlético de Madrid, o clube do seu coração, mas por ter vivido tantos anos em Boston, nos Estados Unidos, apaixonou-se pelo futebol americano e pelos jogos de Basquetebol da NBA, que segue pela televisão na sua casa em Madrid, apesar do fuso horário. ●